



#cm  
**2**  
QUINTA-FEIRA

*Estudioso da obra roseana, Gilson de Barros concebeu a trilogia a partir de recortes do texto original de 'Grande Sertão: Veredas'*

# NAS VEREDAS **ROSIANAS**

**Trilogia teatral** baseada em '**Grande Sertão: Veredas**', a obra-prima de Guimarães Rosa, **ocupa o Teatro Glauce Rocha** com **três solos idealizados** e com atuação de **Gilson de Barros**. Pág. 2

Renato Mangolin/Divulgação



*Gilson de Barros é um estudioso do universo de João Guimarães Rosa*

“Levei meses para compreender o que ele desejava. Ali residia a genialidade do Amir”

GILSON DE BARROS

# Adaptações começaram a ser concebidas em 2015

Neste 2026 o romance “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, completa 70 anos desde sua publicação em 1956. Para celebrar a data, o projeto “Grande Sertão: Veredas – 70 Anos de Travessia” ocupa o Teatro Glauce Rocha com uma trilogia teatral que desdobra a narrativa do clássico em três perspectivas distintas. A ocupação ainda reúne oficinas, exposição de arte e ciclos de debate.

O coração do projeto é a trilogia interpretada por Gilson de Barros e dirigida por Amir Haddad, fundador do grupo Tã na Rua. As três peças — “Riobaldo”, “No Meio do Redemunho” e “O Julgamento de Zé Bebelo” — exploram aspectos diferentes da obra: a primeira mergulha nos relacionamentos amorosos e no vínculo entre Riobaldo e Diadorim; a segunda investiga a dialética entre bem e mal, Deus e diabo, refletindo os conflitos morais do protagonista; a terceira apresenta o sistema de jagunços que marcou o sertão mineiro entre o final do século 19 e início do 20.

Barros começou a conceber a adaptação teatral entre 2015 e 2016, mas o processo de dramaturgia se estendeu até 2019, quando produziu uma primeira versão apresentada a grupos de leitura e eventos literários. Após receber críticas construtivas de Nélide Piñon e Antônio Cícero durante um evento na Biblioteca Parque, Barros apresentou o projeto a Amir Haddad, que demonstrou entusiasmo imediato. A colaboração resultou na estreia de “Riobaldo” em 2020, seguida por “No Meio do Redemunho” em 2023 e “O Julgamento de Zé Bebelo” em 2024.

Segundo Barros, Haddad o orientou para uma “interpretação narrativa” que cria o cenário na mente do espectador através de técnicas teatrais como luz e som. O ator descreve o processo: “Levei meses para compreender o que ele desejava. Ali residia a genialidade do Amir”. Desde o início, a trilogia percorreu palcos brasileiros e internacionais. No Brasil, realizou 647 apresentações em 68 cidades, alcançando aproximadamente 14 mil espectadores, passando por São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, Flo-



Ao conhecer o projeto, Amir Haddad aceitou dirigir Gilson

rianópolis e Curitiba. Internacionalmente, foram 10 espetáculos: 6 em Portugal (Lisboa e Porto, com cerca de 600 espectadores) e 4 na Colômbia, durante a Feira Internacional do Livro de Bogotá, que alcançou aproximadamente 2 mil espectadores.

A trilogia já conquistou reconhecimento crítico: “Riobaldo” foi indicada ao Prêmio Shell RJ/2023 em duas categorias (Melhor Ator e Melhor Dramaturgia), e o conjunto das três montagens recebeu o Prêmio Arcanjo Especial. Em São Paulo, venceu o Prêmio Arcanjo

de Cultura. O projeto reafirma a vitalidade de Rosa ao transformar a linguagem poética da obra em experiência estética que funciona tanto em grandes centros quanto em comunidades quilombolas e interiores do país.

A programação complementar amplia a experiência do público com o universo de Guimarães Rosa com a oficina “Tradução da prosa rosiana para a dramaturgia”, no dia 22; a exposição de arte “Grande Sertão”, da artista plástica Graça Craidy, com visitação até o dia 26; e ciclo “Conversas com Guimarães Rosa” realizado em universidades (UFRJ, UERJ, UFF) e no Colégio Pedro II, reforçando o caráter de pesquisa e ampliando o diálogo com estudantes e pesquisadores.

## SERVIÇO

### TRILOGIA TEATRAL GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, xxx)  
Até 24/4 - Quartas: “Riobaldo” (19h) | quintas: “No Meio do Redemunho” (19h) | sextas: “O Julgamento do Zé Bebelo” (19h) | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

“O filme mostra outra visão, uma que os livros de história não contam; pouco se sabe sobre os malês através dos livros de história mais tradicionais”

ANTÔNIO PITANGA



Antônio Pitanga com o Troféu Jangada, premiação do júri popular do festival

Daniela Ometto/Divulgação



# ‘MALÊS’

## é premiado na França

Longa de Antônio Pitanga vence e é escolhido o melhor filme do Festival de Cinema Brasileiro em Paris que bateu recorde de público

AFFONSO NUNES

O 28º Festival de Cinema Brasileiro de Paris encerrou sua programação na noite de terça-feira (14) com “Malês”, de Antônio Pitanga, conquistando o Troféu Jangada de Melhor Filme pelo voto do público. O resultado marca o retorno de Pitanga à direção após quase cinco décadas — seu último longa havia sido “Na Boca do Mundo” em 1978. O filme, rodado entre Cachoeira, Salvador e Maricá, retrata a Revolta dos Malês, levante organizado por pessoas escravizadas em Salvador em 1835, considerado o maior da história do Brasil.

A edição do festival, realizada pela Jangada com curadoria de Katia Adler no cinema L’Arlequin em Saint-Germain-des-Prés, atraiu 7.751 espectadores — crescimento de mais de 10% em relação a 2025. Ao longo de oito dias, foram exibidos mais de 30 longas-metragens, com oito filmes de ficção concorrendo ao prêmio principal. Além de “Malês”, estavam na disputa “Velhos Bandidos” (Cláudio Torres), “Perto do Sol é Mais Claro” (Régis Faria), “Cinco Tipos de Medo” (Bruno Bini), “#SalveRosa” (Susanna Lira),



Divulgação



Divulgação

‘Malês’ recria em tons épicos a revolta muçulmana que sacudiu a Bahia do século 19

Lázaro Ramos protagoniza ‘Tudo o Que Aprendemos Juntos’

“Precisamos Falar” (Rebeca Diniz e Pedro Waddington), “Assalto à Brasileira” (José Eduardo Belmonte) e “Câncer com Ascendente em Virgem” (Rosane Svartman).

“Malês” acompanha as condi-

ções de vida da população negra no século XIX e o enfrentamento ao racismo, pobreza e intolerância religiosa. O elenco inclui Rocco e Camila Pitanga, Bukassa Kabengele, Samira Carvalho, Rodrigo

de Odé, Heraldo de Deus, Wilson Rabelo, Edvana Carvalho, Indira Nascimento, Thiago Justino e Patrícia Pillar, além do próprio diretor. O roteiro é de Manuela Dias, a fotografia de Pedro Farkas.

Em entrevista durante o festival, Pitanga ressaltou a importância histórica da obra. “Esse filme é um feito histórico. A gente não tem filmado muito no Brasil acontecimentos históricos como é feito na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, então esse é o caminho”, afirmou. O diretor destacou ainda que “Malês” oferece uma perspectiva pouco explorada nos registros convencionais: “O filme mostra outra visão, uma que os livros de história não contam; pouco se sabe sobre os malês através dos livros de história mais tradicionais”. Para Pitanga, a narrativa é relevante ao contexto atual: “É um filme muito representativo para os tempos atuais, porque é sobre retratar o ponto de vista africano, não português, contando a história de um viés diferente do que estamos acostumados. É um filme que fala sobre negritude, mas é, ao mesmo tempo, um filme para todos conhecerem a história do Brasil”.

O Prêmio do Júri Jovem, votado por estudantes parisienses que participaram das sessões escolares, foi para “Tudo que Aprendemos Juntos” (2015), de Sérgio Machado. O longa acompanha Laerte, violinista interpretado por Lázaro Ramos — homenageado nesta edição do festival — que passa a lecionar música na comunidade de Heliópolis em São Paulo após não ser aprovado em audição para a Osesp. Inspirado na criação da Orquestra Sinfônica de Heliópolis, o filme explora a relação entre ensino, transformação social e acesso à cultura.

A cerimônia de homenagens ocorreu em 12 de abril, com Lázaro Ramos em Paris para receber o prêmio dedicado a ele e Taís Araujo — primeira vez que o troféu é concedido a um casal. A cerimônia foi conduzida pela atriz e diretora franco-senegalesa Aïssa Maïga. Na mesma noite, o Tributo a Paulo Gustavo contou com a presença de Thales Bretas, viúvo do ator, e Ingrid Guimarães, parceira de trabalho do humorista. A sessão incluiu exibição de “Minha Mãe é uma Peça 3”, vídeo-homenagem inédito e apresentação de trecho de “Minha Melhor Amiga”, comédia estrelada por Ingrid e Mônica Martelli com estreia prevista para setembro.

O Troféu Jangada, símbolo do festival entregue aos filmes premiados e homenageados, é assinado pelo escultor e pintor Jaildo Marinho, nascido em Santa Maria da Boa Vista, no sertão de Pernambuco, e radicado em Paris há mais de 30 anos. Katia Adler, curadora do festival, destacou o desempenho da edição: “O crescimento de mais de 10% para um festival dedicado ao cinema brasileiro na França é muito significativo. Tivemos salas cheias ao longo de toda a programação, o que reforça a importância de investir em iniciativas como essa no exterior. É um trabalho que fortalece a imagem do país, cria pontes culturais e abre caminhos concretos para os filmes, realizadores e indústria brasileira no cenário internacional”.

**BAFICI**  
BUENOS AIRES FESTIVAL INTERNACIONAL DE  
CINE INDEPENDIENTE

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

Estima-se que a sessão de “O Estrangeiro” (“L’Étranger”), na largada do 27º Festival de Buenos Aires, o BAFICI, agendada para 13h40 desta quinta-feira (16), no Cine Teatro Alvear, lote tão logo o galo cante entre nuestros hermanos. Situação parecida deve rolar por aqui, conforme o novo François Ozon se espalha pelo circuito exibidor, ao longo do fim de semana. Há 26 anos, desde a estreia de “Sob a Areia” (2000), a América do Sul tem o cineasta parisiense como um xodó, algo que mais uma vez se confirma com o êxito europeu de seu novo exercício autoral – talvez o mais arriscado da sua obra. O filme vendeu 766.983 ingressos em sua pátria natal e rendeu o troféu César (o Oscar francês) de melhor coadjuvante ao ator Pierre Lottin. A elogiosa carreira deste thriller existencialista em Veneza, onde concorreu ao Leão de Ouro, firmou seu prestígio.

“Existem muitos cinemas dentro do cinema francês, mas o que talvez me diferencie é o interesse pelas pequenas situações do cotidiano: elas engrandecem qualquer pessoa”, afirmou o cineasta de 57 anos ao Correio da Manhã, no Festival de San Sebastián, há um ano, quando iniciava a produção de “O Estrangeiro”, consagrando-se em solo espanhol ao ganhar o prêmio de Melhor Roteiro por “Quando Chega o Outono”, já lançado por aqui.

Esse misto de filme de mistério e drama crepuscular sobre maternidade foi prestigiado por 674 mil pagantes em terras francesas. Antes dele, “O Crime É Meu”, de 2023, vendeu um milhão e noventa e um mil ingressos. Embora alterne narrativas mais espinhosas (como “Está Tudo Bem”, sobre finitude e eutanásia) com exercícios de gênero sem medo de ser comercial (como a comédia “Potiche”, que vendeu 2,3 milhões de entradas), Ozon é sempre a maior diversão, não só para seu público, como para distribuidores e exibidores. “8 Mulheres” foi blockbuster, em 2002, com 3,5 milhões de entradas vendidas, e “Dentro da Casa” (2012) passou a marca do milhão também, além de conquistar a Concha de Ouro. Ele não só faz sucesso nas bilheteria, como ganha prêmios.

A atração da vez de sua lavra, que chega ao BAFICI numa seção dedicada a estandartes autorais de gerações distintas (Claire Denis, Angela Schanelec, Maite Alberdi, Julien Temple, Richard Linklater, Nadav Lapid, Hong Sangsoo) nasce do romance homônimo de Albert Camus (1913-1960) e carrega a forte carga filosófica do escritor. “O Estrangei-



Benjamin Voisin é o jovem Meursault na versão de Ozon para o cult literário de Albert Camus

# Camadas de Ozon

Cacifado na Europa com indicação ao Leão de Ouro e bilheteria farta, ‘O Estrangeiro’, do popular diretor francês, busca aplausos em festival argentino em meio à sua estreia no Brasil



‘La Verdadera Historia de Ricardo III’, de Marcelo Piñeyro, marca a resistência do povo argentino

ro” (1942) foi adaptado para o teatro no Brasil no início dos anos 2000 e reconfigurou a carreira do ator Guilherme Leme Garcia. Já em 1967, tinha sido levado ao cinema por um mestre, Luchino Visconti (1906-1976), com Marcello Mastroianni (1924-1996) como protagonista. Em 2024, em entrevista ao Correio de Manhã em solo basco, Ozon antecipava já detalhes do projeto: “Costumo sonhar com aquilo que estou a filmar e, nos sonhos, quase sempre, surgem-me soluções para o que planeio fazer”, disse o cineasta.

Fiel a Camus, o seu “L’Étran-

ger” decorre em Argel, em 1938, onde Meursault, um funcionário discreto e modesto na casa dos trinta, comparece ao funeral da mãe sem derramar uma lágrima. No dia seguinte, envolve-se num romance casual com uma colega, Marie, e retoma rapidamente a sua rotina, sem enfrentar o luto. Contudo, a sua vida quotidiana é logo perturbada pelo vizinho, Raymond Sintès, que o arrasta para os seus negócios obscuros — até que, num dia de calor extremo, ocorre um acontecimento trágico numa praia. Quem conhece Camus (ou as versões anteriores

do seu best-seller) sabe tratar-se da morte de um árabe. O tema, associado a um país como a França, reabre a ferida da xenofobia, regando-a com os acordes da canção “Killing An Arab”, do The Cure.

Ao seguir este caminho, apoiado no carisma do ator Benjamin Voisin (com quem já trabalhara em “Verão de 85”), no papel de Meursault, Ozon envereda por um terreno político distinto daquele que habitualmente explora através da sua estética queer (a luta contra a intolerância e a homofobia). Já o fizera em 2019, com “Graças a

Deus”, denunciando abusos sexuais cometidos por padres católicos — obra que lhe valeu muitos inimigos na Igreja, mas que catapultou a sua carreira para um patamar diferente de prestígio, coroado com o Grande Prêmio do Júri da Berlinale.

“Não estou preocupado em ganhar o Óscar, nem espero reconhecimento de prêmios. A minha preocupação mais genuína é proporcionar ao público uma experiência inesperada em cada filme. Gosto do set, adoro trabalhar, e por isso estou sempre ocupado a criar”, afirmou Ozon ao Correio em San Sebastián, quando “O Estrangeiro” ainda estava em fase de gestação.

Nesta quinta, o BAFICI promete polêmica à moda do Cazaquistão com “Sicko” (“Auru”), de Aitore Zholdaskali. Na trama, a dupla Azamat e Tanshoplan, acossados por dívidas, inventam uma doença terminal para lançar uma campanha de arrecadação de fundos nas redes sociais. O que começa como um plano desesperado logo se converte numa mentira difícil de controlar.

Ainda nesta quinta, Buenos Aires projeta “La Verdadera Historia de Ricardo III”, de Marcelo Piñeyro, que, há cerca de um mês, brilhou no Festival de Málaga, na Espanha. Baseada na peça teatral homônima de Adrià Reixach, dirigida nos palcos com Calixto Bieito, a nova experiência narrativa do diretor de “Plata Quemada” (2000), com Joaquin Furriel, evidencia o quanto o cinema da Argentina se empenha para sobreviver mesmo sob a geada política que tenta frear as vozes criativas avessas ao jugo de Javier Milei na presidência. Uma geada que o BAFICI sabe driblar com resiliência

O festival n° 1 da Argentina segue até o dia 26 de abril e tem duas produções brasileiras em sua competição oficial: o curta “Banho Maria”, de Gabriel Faccini, e o longa “Nosso Segredo”, da atriz e dramaturga Grace Passó.



Murilo (João Vitor Silva) se encontra em apuros na boca de Sapinho, traficante mau de 'Cinco Tipos de Medo'

# Um talento com 'estado de presença'

O Tabuada da série 'Impuros', João Vitor Silva, destaque de 'O Agente Secreto', faz seu ninho sob os holofotes com o filme 'Cinco Tipos de Medo', antes de atuar na nova novela das nove

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**M**angaba, fruta que se espera cair do pé, ganhou um outro sabor... um gostinho de mistério e de ironia... ao virar o objeto de um dos diálogos mais divertidos de "O Agente Secreto", na boca de João Vitor Silva. Há uma semana, o ator de 29 anos vem alentando miocárdios entre os fãs de quadrinhos que foram conferir, na telona, a produção vencedora do Kikito de Melhor Filme do último Festival de Gramado, o thriller mato-grossense "Cinco Tipos De Medo". O alento vem da reflexão de seu personagem sobre o super-herói Wolverine, dos X-Men, e seus poderes de autorregeneração.

Quem acompanha o trabalho de João, no papel de Tabuada, no sucesso serializado "Impuros", já foi brindado com sua habilidade de fazer as coloquialidades do cariocês soarem feito falas de Shakespeare. Bons roteiristas com que cruzou



O ator contracenou com Wagner Moura em 'O Agente Secreto'



João Vitor e Maisa interpretam Ronaldo e Bia em 'Garota do Momento'

devem levar o crédito também... fato. Mas não adianta uma fala bem escrita no lábio de um intérprete sem paixão. No caso desse carioca

do Santa Marta – o décimo filho de uma família sem muito dinheiro no bolso, mas com muita garra no coração -, curiosidade (pelo mundo)

se soma à passionalidade na hora de atuar. E lá se vão 25 anos que ele vem atuando assim.

"O que mais conta na hora de eu construir um personagem é o que eu chamo de estado de presença, ou seja, estar atento para a vida. E não há nada melhor do que estar atento à vida, na arte. Se eu estou presente, na escuta, na vivência, e cai um copo em cena, fora de hora, num acidente, eu não paro a tomada; eu incorporo aquilo, eu somo o acaso. O barato é esquecer que a câmera está ali", diz João Vitor, que trabalha desde pequeno, entre novelas, seriados e filmes, tendo iniciado seu ofício em "O Livro Mágico", da Rede TV, em 2001.

Na sequência, em 2003, fez "Kubanacan", na TV Globo, onde participou de acertos como "Verdades Secretas" (2015) e "Garota do Momento" (2024). Ao longo de duas décadas e meia de profusão, depurou um estilo que impressiona cineastas do mais alto quilate autoral.

"Vitor é um grande ator e tem muita presença de tela, que é tudo que o cinema pede de um intérprete", avalia Kleber Mendonça Filho, um ex-crítico de cinema do Recife que, no posto de realizador, rendeu ao Brasil indicações ao Oscar e o Prêmio de Melhor Direção em Cannes... e isso só com "O Agente Secreto". "João Vitor é verdade, é de verdade, que é tudo que a câmera pede. Foi um prazer muito grande trabalhar com ele, com quem espero trabalhar de novo. No 'Agente', ele interpreta Haroldo, um carioca que está passando um momento ruim, escondido no Recife. Ele faz parte do grupo extraordinário de pessoas que interagem com o personagem de Wagner. Eu sempre falo que não tem personagem pequeno. Alguns personagens fazem parte da trama e precisam ser verdadeiros antes mesmo de abrirem a boca. E isso é o que faz um grande ator. O João Vitor é um deles".

Essa busca pela verdade que Kleber enxerga no astro também contagia "Cinco Tipos De Medo".

Convulsivo do início ao fim, o longa também rendeu a seu diretor, Bruno Bini, troféus Kikito de Melhor Montagem e de Melhor Roteiro (ambos as funções realizadas por ele). O enredo é ambientado em Cuiabá. Nele, João Vitor tem uma atuação devastadora, que impulsiona um poliedro de almas em danação. Ele vive Murilo, um violinista recém-recuperado da covid-19, que se envolve com a enfermeira Marlene (Bella Campos). A jovem é refém, há tempos, de um relacionamento abusivo com um traficante bicho solto, Sapinho (papel do rapper Xamã). O bandidão há de macular ainda o caminho da policial Luciana (Bárbara Colen) - hoje em cruzada de justiça - e do advogado Ivan, que (graças à sutileza do sempre eficaz Rui Ricardo Dias) é a figura mais ambígua na tela.

"Todo o elenco se apaixonou pela escrita do Bruno, que confiou a mim um anti-herói de ar silencioso", diz João Vitor. "Na respiração, eu busco o máximo de realismo para essa figura".

Os muitos vértices humanistas de "Cinco Tipos De Medo" vão colidir num caminho sem volta, numa cartografia de ações e reações enquadrada de modo dionisíaco na direção de fotografia de Ulisses Malta Jr. Gramado foi ao delírio com o encaixe azeitado de cada peça da narrativa, produzida por Luciana Druzina.

"João Vitor Silva traz uma verdade muito especial para o Murilo. Como produtora, o que mais me toca no trabalho dele é justamente essa capacidade de fazer o público se enxergar no personagem e, mais do que isso, torcer por ele. O Murilo tem uma humanidade muito forte. Ele é atravessado pela dor, pelo amor, pelo luto, pelas dúvidas, o que traz ele muito próximo da gente. O João tem uma qualidade muito especial: permitir que o público entre no personagem. Ele não impõe a emoção, ele convida o espectador a senti-la com ele", explica Luciana Druzina. "Ter um ator como o João agrega uma profundidade enorme ao filme, porque ele não apenas interpreta o personagem, ele o vive com verdade. E é justamente essa verdade que faz com que a história ressoe de maneira tão forte com quem assiste".

Além de uma nova temporada de "Impuros", João Vitor terá uma novela nova pela frente: o novo folhetim das nove da Globo, "Quem Ama Cuida", que estreia em 18 de maio. Tem ainda uma leva de filmes ("100 Dias", "Antártida", "Deixa Acontecer") para lançar. Em cada feito desses, ele aporta sua investigação da realidade ao seu redor.

"Trazer um pontinho de crítica para o exercício da arte, quando se tem pessoas de muita seriedade validando suas escolhas, é algo muito importante para um ator encontrar seu caminho", diz João Vitor. "Voltar para a minha base, entender de onde eu vim, rever o Santa Marta, reencontrar meu caminho de partida... essa é a chave".

## SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@DREDAOSOARES)



Reprodução TV

O velório de Arlindo Cruz, invariavelmente, acabou em samba

## Rio: sol, mar, samba e... cemitério

**VOU TE DIZER UMA COISA:** o sujeito que acha que o Rio de Janeiro é só praia, pôr do sol e água de coco nunca foi a um cemitério na Zona Norte num dia movimentado. Porque ali, meu amigo, a vida - sim, a vida - insiste em dar expediente até quando o assunto é morte.

**TEM UM JEITO CARIOCA DE SE DESPEDIR** que não cabe muito bem no manual europeu de compostura. Aqui, dependendo de quem parte, o enterro vira roda. Não de desrespeito, não - de presença. De gente que chega pra dizer: "tô aqui ainda, e você continua aqui com a gente também". Aí aparece um pandeiro tímido, alguém puxa um refrão, e quando você vê já tem mais harmonia do que muito bar da Lapa.

**QUANDO SE FOI ARLINDO CRUZ,** por exemplo, aquilo ali foi quase uma aula pública de como o subúrbio elabora a saudade. Na quadra do Império Serrano, foram horas e horas de samba. Mas não era festa no sentido raso da palavra - era outra coisa. Era como se dissessem: "o corpo até vai, mas o enredo fica".

**E, CLARO, O CEMITÉRIO TAMBÉM É** esse território meio atravessado por histórias que ninguém sabe se aconteceram mesmo ou se foram sopradas por algum espírito brincalhão. Porque tem coisa que só faz sentido ali, entre um choro e outro, quando o mundo dá uma leve desalinhada.

**OUTRO DIA ME CONTARAM UMA DESSAS.** E eu já aviso: não sei se é verdade. Mas também não tenho o menor interesse em checar de tão boa que a história é.

**DIZEM QUE FOI LÁ PELOS LADOS DE JACAREPAGUÁ,** no Pechincha. Velório de um senhor muito querido, daqueles que juntam gente de tudo quanto é canto: família, vizinho, compadre, gente que nem lembrava direito de onde conhecia, mas foi assim mesmo.

**CLIMA RESPEITOSO, ORAÇÃO,** aquele silêncio cheio de significado. Até que alguém nota, na capela ao lado, um caixão pequeno. Pequeno mesmo. E vazio de gente. Nenhuma vela, nenhuma flor, nenhum olhar. Um abandono que incomoda até quem não tem nada com aquilo.

**UMA SENHORA, DESSAS QUE AINDA ACREDITAM** que rezar nunca é perda de tempo, resolve atravessar. Leva umas velas, ajeita umas flores, faz o sinal da cruz e começa ali sua conversa com o invisível. Baixinho, concentrada, como quem tenta corrigir uma injustiça.

**E AÍ ENTRA O ELEMENTO QUE SÓ O RIO PRODUZ** com essa naturalidade desconcertante: o funcionário do cemitério, chegando de lado, quase pedindo licença pra realidade.

— Dona, a senhora sabe o que tem aí dentro?

**ELA, AINDA EM ORAÇÃO,** responde que imagina ser uma criança, coitada, sozinha no mundo. O homem coça a cabeça, dá aquela pausa dramática involuntária e solta: — É uma perna. Uma perna!

**A SENHORA PARA, RESPIRA, PROCESSA,** e reage com a sinceridade que só os grandes momentos arrancam: — Mas eu tô gastando meus guias e minha reza com uma perna?!

**E VEJA, NÃO ERA EXATAMENTE UM ENGAÑO.** A perna era de alguém vivo, vítima de um acidente, mas que, por essas exigências que ninguém explica direito, precisava ser enterrada com toda a formalidade. Caixão, vela, silêncio. Só faltou a biografia.

**E EU FICO PENSANDO QUE TALVEZ** seja isso. No Rio de Janeiro, até a perna ganha despedida e o morto vira motivo de encontro. Não por leviandade, mas porque a gente aprendeu a lidar com a ausência do único jeito que dá: enchendo o momento de festa.

**NO FIM DAS CONTAS,** o cemitério carioca não é só lugar de fim. É também esse espaço meio torto, meio bonito, onde a vida insiste em fazer comentário — às vezes baixo, às vezes atravessado, às vezes gargalhado. Às vezes em ritmo de samba regado a muita cerveja.

**E, SINCERAMENTE, AINDA BEM.** Porque se nem ali a gente puder rir um pouco, aí sim fica difícil de levar o que ainda resta da vida.

## Do anonimato à narrativa

Ana Alexandrino/Divulgação

'Quirinas', da pesquisadora Mariana Filgueiras, analisa como literatura brasileira ignorou trabalhadoras domésticas até recentemente



O levantamento de Mariana Filgueiras mapeou 37 personagens domésticas em contos e romances publicados entre 1859 e 2024

**Q**uase sete milhões de brasileiros trabalham como domésticos — babás, faxineiras, cozinheiras, diaristas, cuidadores de idosos. A maioria é mulher, negra, pobre e chefe de família. É a maior categoria de trabalho do país, a mais precarizada, a que menos se aposenta. Ofício legado da escravidão, o trabalho doméstico foi decretado essencial durante a pandemia de Covid-19. Ainda assim, na história da literatura brasileira, essas mulheres praticamente não existem — ou existem de forma tão estereotipada que poderiam não existir.

Essa contradição moveu a pesquisa de doutorado de Mariana Filgueiras, jornalista e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense (UFF). O trabalho, contemplado no Prêmio Capes de Tese 2025, virou o livro "Quirinas: a trabalhadora doméstica como protagonista na literatura brasileira contemporânea", que lança nesta quinta-feira (16) com debate online entre a autora, sua orientadora Eurídice Figueiredo e Eliza Araújo. O evento acontece às 18h no canal Youtube "Estudos da Literatura" da UFF.

O levantamento de Filgueiras mapeou 37 personagens trabalhadoras domésticas em contos e romances publicados entre 1859 e 2024. O resultado é desolador: durante 156 anos, essas mulheres aparecem sempre de forma estereotipada, sem nome, frequentemente violentadas, associadas à ignorância, usadas como escada nas tramas ou alívio cômico. Falam pouco. Seus nomes, quando existem, são esquecidos. "A maioria dos nossos escritores não teve qualquer interesse na subjetividade dessas mulheres, em desenvolver alguma trama, dar a elas



Divulgação

um nome. Personagens com imenso potencial dramático, que testemunham as entranhas da elite, são desprezadas", observa Mariana.

O livro recebe o nome de "Quirinas" em homenagem à personagem Mãe Quirina, do conto "Babá" (1904), de Lima Barreto — uma das raras exceções na literatura brasileira. Lima Barreto se interessou pela personagem, contou sua história de vida. Isso praticamente não acontecia. Alguns críticos defendem que a estereotipia das empregadas domésticas seria um recurso estético de denúncia social. Filgueiras discorda. "Depois desse levantamento, não tem como concordar com isso. É uma prática muito recorrente, um padrão, um sintoma da neurose cultural brasileira", afirma.

A virada começa em 2015, quando surgem os primeiros romances com trabalhadoras domésticas como narradoras ou com par-

ticipação mais efetiva. As primeiras protagonistas de fato aparecem apenas em 2018, no romance "Perifobia", de Lília Guerra. Filgueiras credits essa mudança a um "efeito simbólico das políticas públicas" — Lei de Cotas, Lei das Domésticas — que resultaram em mobilidade social. "Seus filhos e netos entraram na universidade, começaram a escrever as histórias das mães e avós. Muitos romances são dedicados a elas. Desde 2018, já foram lançados mais de 10 romances com domésticas como protagonistas. Em 2024, 'Louças de Família', de Eliane Marques, ganhou o Prêmio São Paulo de Literatura."

O livro analisa títulos como "Com Armas Sonolentas" (Carola Saavedra, 2019), "Suíte Tóquio" (Giovana Madalosso, 2020) e "Solitária" (Eliane Alves Cruz, 2022) — primeiros romances na história literária brasileira a colocar a trabalhadora doméstica no centro da narrativa. Neles, as personagens ganham subjetividade, seus familiares integram as tramas, o trabalho doméstico vira tema e ação do enredo, gerando cenas originais e conversas orgânicas.

Filgueiras alerta, porém, para o risco dos "estereótipos positivos". Ao reabilitar personagens esquecidas, é preciso evitar criar heroínas previsíveis, sem falhas de caráter, sem contradições. "Isso também as desumaniza", conclui. A socióloga Patricia Hill-Collins chama isso de "imagens de controle" — estereótipos que engessam personagens tanto negativamente quanto positivamente.

AFFONSO NUNES

**B**anda que fez história nos anos 1990, o Farofa Carioca se apresenta nesta quinta (16), às 20h, no Teatro Rival Petrobras. Formado em 1997, o grupo volta aos palcos com os vocalistas Gabriel Moura e Mário Broder em uma apresentação que celebra 28 anos de resistência e reinvenção musical.

O Farofa Carioca ganhou notoriedade na cena musical brasileira com uma singular mistura de samba, funk, rap, reggae e forró com letras politizadas, revelou talentos que depois explodiram em carreira solo — como Seu Jorge, que saiu da banda em 1999 e se tornou ator e músico de projeção internacional. A saída do vocalista foi um baque, mas não encerrou o projeto.

Agora, o Farofa retorna com o relançamento digital remasterizado de “Moro no Brasil” (1998), seu emblemático álbum de estreia. O disco, que se tornou um clássico, ganha nova vida em plataformas de streaming. No palco do Rival, a banda resgata sucessos como “São Gonça”, “Bebel”, “Doidinha”, “Jacaré” — ao lado de uma composição inédita que marca o novo ciclo.

O show no Rival Petrobras reúne a big band de 12 músicos, reforçando a proposta sonora

# Farofa bem temperada

Grupo carioca que fez história nos anos 1990 resgata velhos sucessos e mostra sua nova safra de canções no Rival Petrobras



Washington Possato/Divulgação

O Farofa Carioca se notabilizou por uma deliciosa mistura de samba, funk, rap, reggae e forró

que sempre caracterizou o grupo: uma orquestração densa que transita entre o samba ao soul, do funk ao ijexá. A performance ainda conta com o DJ Mohamed Malok nos samples ao vivo e o VJ Ricardo Muralha na direção visual, transformando o espetáculo em um ritual que vai além da música.

O repertório mescla os sucessos da banda com versões de compositores que marcaram a música carioca — como “Malandragem dá um tempo” (Bezerra da Silva), “Feira de Acari” (MC Batata), “Na rua, na chuva, na fazenda” (Hyldon) e “Quero ver você no baile” (composição de Gabriel Moura e Seu Jorge, que virou sucesso na voz de Paula Lima). A escolha reflete a genealogia musical que o Farofa Carioca sempre reivindicou: estar conectado à tradição carioca enquanto a reinterpreta para o presente.

Para quem acompanhava a cena carioca naquela época, o show representa uma chance de revisitar um capítulo importante. Para novos ouvintes, é a oportunidade de conhecer uma banda que ajudou a definir como o Rio soava no final do século 20.

## SERVIÇO

### FAROFA CARIOCA

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 22 - Cinelândia) 16/4, às 20h  
Ingressos entre R\$ 50 e R\$ 200

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

### Neguinho faz show gratuito na Baixada

O Teatro Nova Iguaçu Petrobras marca seu quarto aniversário com show gratuito de Neguinho da Beija-Flor nesta quinta (16). O sambista, que encerrou sua trajetória como puxador da escola de Nilópolis após 50 anos de carreira em 2025, segue em atividade com projetos recentes como o álbum “Empretecendo”, lançado em parceria com Xande de Pilares.



Divulgação

### Masterclass e concerto no Audio Rebel

Roberto Rutigliano apresenta programação especial na Audio Rebel nesta quinta (16) dentro do Programa Funarte Ações Continuadas. A agenda inclui masterclass gratuita sobre fundamentos do jazz na bateria às 16h, voltada para músicos e interessados em linguagem musical. À noite, às 20h, acontece concerto com septeto formado por quarteto de jazz e trio de cordas, sob direção do próprio Rutigliano.



Ana Migliari/Divulgação

### Virtuoso do cavaquinho na Casa do Choro

Messias Britto, um dos maiores nomes da música instrumental brasileira, apresenta-se na Casa do Choro nesta quinta (16), às 19h, a convite do projeto Memória do Cavaquinho Brasileiro. Acompanhado por Miguel Miranda (percussão) e Lucio Rodrigues (violão de 7 cordas), o baiano traz um repertório que explora choro, samba e baião no cavaquinho de 5 cordas.



Divulgação

### Fred Izak mostra a sua autoralidade

Fred Izak apresenta o show “Lírico” no Teatro Brigitte Blair nesta quinta (16). O espetáculo reúne composições autorais como “Sobre Você”, “Antítese” e “Vaidoso”, além de releituras de clássicos brasileiros de Cazusa, Raul Seixas e Caetano Veloso. Participam Nico Rezende, Zé Henrique, George Israel, Aldrin e Arnaldo Brandão. O show marca o terceiro álbum solo do compositor e cantor.



Divulgação



José Maria de Medeiros - Iracema, 1884

# Histórias que se contam

Sala Bernardelli reabre no MNBA com exposição baseada em podcast sobre narrativas do acervo

**D**epois de anos de reforma, o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) reabre nesta sexta-feira (17) a Sala Bernardelli com a exposição “Histórias que a Arte Conta”. O espaço, que ocupa 260 metros quadrados no segundo piso da instituição, é o principal destinado a mostras temporárias do museu e marca um retorno significativo após período de fechamento.

A mostra reúne dez obras do acervo do MNBA trabalhadas a partir de narrativas desenvolvidas no podcast “Histórias que a Arte Conta”, primeiro projeto de áudio da instituição, disponível no Spotify e YouTube com recursos de acessibilidade, incluindo interpretação em Libras. A curadoria é assinada por Simone Bibian, educadora do MNBA e doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense.

O conjunto de obras inclui pinturas de mestres das artes plásticas brasileiras como Firmino Monteiro, Pedro Américo, Chaves Pinheiro, Correia Lima, Raimundo Cela, José Maria de Medeiros e Rodolfo Amoedo — artistas dos séculos 19 e 20. Integra também a mostra a peça



Pedro Américo - Joana d'Arc, 1883



Firmino Monteiro - Vercingetorix diante de Júlio César, 1886

arqueológica “Antínoo”, datada dos séculos II–III d.C., uma das mais antigas do acervo do MNBA. A escultura retrata o jovem ligado ao imperador Adriano e serviu como inspiração para a logomarca do projeto.

Segundo Bibian, a exposição transforma a Sala Bernardelli em espaço de encontro onde “cores, dimensões, pinceladas, formas e materialidade ampliam a experiência sensível inaugurada pela escuta do podcast”. A proposta busca ativar o que a curadora chama de “potência narrativa da arte”, criando conexões entre obras, histórias e públicos.

Para Daniela Matera Lins, diretora do MNBA, a exposição funciona como plataforma para ampliar o olhar sobre o acervo, despertando curiosidade sobre as obras, os artistas e a história da arte no Brasil. O projeto reforça também o compromisso da instituição com acessibilidade, oferecendo audiodescrição e experiência sensorial para pessoas com deficiência visual.

A Sala Bernardelli foi inaugurada em 1942 em homenagem aos irmãos Rodolpho, Henrique e Felix Bernardelli, escultores e pintores que marcaram a história da arte brasileira. Sua reabertura representa um passo na retomada de espaços do museu após período de reformas

e ajustes operacionais.

A exposição funciona como desdobramento do podcast, que desde seu lançamento busca contar histórias associadas ao acervo, conectando obras de diferentes períodos e criando narrativas que dialogam com questões contemporâneas. Cada episódio do podcast explora uma obra ou tema, e a exposição traz essa experiência sonora para o espaço físico, permitindo que o visitante estabeleça novas relações com as peças.

A iniciativa se insere em uma estratégia mais ampla do MNBA de expandir formas de mediação e aproximação do público com o patrimônio. Além de audiodescrição, a mostra oferece uma vivência que combina elementos visuais, narrativos e sensoriais, buscando tornar a experiência artística mais inclusiva.

## SERVIÇO

### HISTÓRIAS QUE A ARTE CONTA

Sala Bernardelli - Museu Nacional de Belas Artes (Av. Rio Branco, 199, 2º piso — Cinelândia)  
De 17/4 a 10/7, de terça a sexta (13h às 17h), sábados e domingos (11h às 15h)  
Entrada franca